

A ESCRITA LITERÁRIA INDÍGENA NA PRODUÇÃO DE NOVAS EPISTEMES: DISCURSO IDENTITÁRIO, ESCOLA INDÍGENA E MATERIAIS DIDÁTICOS COMO DISPOSITIVO DE COMBATE AO SILENCIAMENTO CULTURAL

SIQUEIRA, Kárprio Márcio de¹ / Pós-crítica – Universidade do Estado da Bahia, Brasil
– karprio_siqueira@yahoo.com.br

EJE 3: Culturas, lenguajes, tecnologías y educación. Tipo de trabajo: ponencia

Palabras claves: Autoria Indígena - Novas Epistemes - Discurso Enunciativo - Combate cultural

> Resumen

El texto en cuestión aborda el escenario creciente de los escritores indígenas y su impacto en la producción de nuevas epistemes, a partir de literatura producida en el contexto de la Educación Escolar Indígena en el Sertão de Bahía. Su objetivo es estudiar la escritura literaria indígena como dispositivo de (des)silenciamiento cultural. Metodológicamente, se considera el discurso enunciativo de los escritores indígenas como un parámetro analítico, en cumplimiento de la producción de signos que representan los sistemas, modos y agencias de las comunidades de los pueblos originarios en (re)presentación en textos literarios (didácticos). Las postulaciones en cuestión sustentan a Bachelard (1996); Moscovici (2003); Santos (2011); Bergamaschi (2012); Paladín; Czarny (2012); Assis (2016); Gomes; Santos (2016); Krenak (2019), Kadiwéu (2019) y Rocha (2021). Por lo tanto, el objetivo de esta exposición fue presentar discusiones sobre la identidad, a partir de la autoría de los indígenas serranos, y cómo estos anuncios repercuten en la lucha contra el silenciamiento cultural impuesto, durante siglos, a los pueblos de la tierra.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Letramento, Identidades e Formação de Educadores. Orientador: Prof. Dr. Cosme Batista dos Santos. E-mail: cosmebs.santos@gmail.com | Coordenador Adjunto do Parfor Equidade da Universidade do Estado da Bahia – Brasil.

> Palabras iniciales

As reflexões sobre as produções escritas de autores indígenas são frutos dos investimentos da Educação Escolar Indígena e do Movimento Indígena desde a década 80. Nesse carretel perceber como o discurso apresentados pelos sujeitos indígenas na composição de novos códigos é necessário para a compreensão da dinâmica dos povos originários na contemporaneidade.

Diante dessas anunciações, e colaborando com a pesquisa intitulada “A Licenciatura Intercultural em Educação Escolar Indígena – UNEB como dispositivo crítico cultural na produção autoral indígena do semiárido da Bahia: o espaço de novas epistemes decoloniais.”, esse artigo pretende apresentar as discussões sobre identidade a partir da autoria literária do indígena sertanejo, e como esse discurso repercute no combate ao silenciamento cultural imposto, secularmente, aos povos da terra.

No sentido de alcançarmos os resultados pretendidos, ainda, nos colocamos a (1) a apresentar um panorama conceitual da Literatura Indígena a partir de pesquisadores indígenas; (2) Identificar agentes literários no percurso da autoria indígena do semiárido baiano e (3) refletir o discurso literário indígena como dispositivo de combate ao silenciamento cultural.

Metodologicamente, por se tratar de um texto que apresenta os resultados iniciais da pesquisa, destacamos que a abordagem é qualitativa majoritariamente, e quanto aos objetivos em realce nesse tecido textual, alemo-nos do olhar exploratório, por possibilitar uma sistematização do tema autoria indígena e literatura, e explicativo pela condição de um conhecimento potencialmente inédito sobre a escrita dos povos indígenas, suas dobras e repercussões enunciativas.

Para tanto, buscamos coletar as informações a partir da recolha em fontes prioritariamente bibliográficas, o que nos permitiu envolver livros, artigos, livretos e documentos.

No sentido da técnica para captação dos dados, o fichamento nos potencializou uma visão mais sistematizada das leituras e a possibilidade de diálogos entre as teorias enunciativas da linguagem, crítica cultural, estudos da literatura indígena, e num segundo momento a interpretação textual.

Na linha investigação buscamos, o método indiciário, a perceber que “o ponto inicial do paradigma indiciário ou semiótico, penetrou nos mais variados âmbitos cognoscitivos, modelando profundamente as ciências humanas. Minúsculas particularidades paleográficas foram empregadas como pistas que permitiam reconstruir trocas e transformações culturais” [...] (Ginzburg, 1998, p.177)

Nesse sentido, ainda, na etapa da análise recorreremos ao método indutivo, considerando que a nossa visão deveria trazer as ideias particulares e lançÁ-las para o embate no coletivo, com o objetivo de produção de novas e singulares constatações.

Destarte, tomamos, certamente uma obra de referência máxima da Teoria da Literatura Indígena Brasileira, organizada por 4 pesquisadores, Leno Francisco Correia, Heloisa Helena Siqueira, e Julie Dorricó, pesquisadora Indígena, que estruturam em 2018 a obra “*Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção*” obra que conta com 20 capítulos ilustrados por escritores indígenas e pesquisados do tema.

No intento de apresentar o resultado desta pesquisa, seguimos o seguinte percurso: Literatura Indígena ; (2) Literatura Indígena no sertão baiano : vozes literárias presentes e (3) discurso identitário na escrita indígena : a literatura como dispositivo de combate ao silenciamento cultural.

› **Literatura Indígena soba o palco**

Primeiramente é relevante destacarmos, para evitar conflito de imagens dessa produção, a distinção entre Literatura Indianista, Indigenista e Indígena, considerando as pregressas ausências de escritores indígenas na história da sociedade brasileira. Desse ponto fazemos empréstimos das postulações que Fernanda Vieira, do blog *iKamiaba*²(2020).

Literatura Indianista é pertencente a uma corrente literária que traz um ideal de indígena, como herói nacional, dócil, aliada à colonização, o “bom selvagem”. Tendo como principal representante José de Alencar, “Romantismo”, e suas obras, “Iracema”, “O Guarani” e “Ubirajara”. A esta literatura a escritora observa:

Eu tenho palavras duras a dizer sobre esse movimento, porque ele nos escreve de forma muito problemática. Por exemplo, Iracema (anagrama de América) trai o seu povo e abandona suas tradições pelo colonizador. A vontade de criar um "mito fundador" do Brasil inventou uma colonização "amável", uma "miscigenação pacífica" que não é verdadeira. Projetou um Indígena que é bom quando aliado aos invasores e mau quando defende suas tradições e seu território.” (Vieria, 2020,n.p).

Diante desta crítica, é notório observar o quanto foi violento o processo de apresentações dos sujeitos indígenas nas narrativas da Literatura Brasileira, ainda, sobre esse tema, podemos perceber que *Literatura Indigenista* diz respeito ao coletivo de produções que tratam sobre indígenas ou a temas relacionados, entretanto, escritos por um não-indígena. Fernanda Vieira assegura que, “pode vir de aliados ou pode vir do campo oposto. De qualquer forma, frequentemente possui um olhar ocidental ou

² Do tupi, mulheres guerreiras que viveram na Amazônia.

ocidentalizado [...] dos universos Indígenas. Por exemplo uma obra de ficção sobre uma história da criação de uma nação Indígena escrita por um não-Indígena.”(*Ibidem*, n.p).

Para uma adequada visão sobre o tema de autoria indígena, entendemos que a *Literatura Indígena* são as literaturas produzidas por indígenas, considerando as suas diversidades de forma e conteúdo, cosmologias de mundos, saberes tradicionais, diferentes povos e línguas, assim, a pesquisadora acrescenta que:

Os temas das Literaturas Indígenas não precisam ficar restritos às questões Indígenas e podem abordar qualquer tema. Afinal, podemos falar de qualquer coisa. Podemos falar de questões Indígenas de cultura, identidade, nossas histórias fundadoras ou sobre quaisquer outros temas não-Indígenas. Somos escritoras e escritores e qualquer assunto nos cabe. O que marca as literaturas Indígenas é a autoria Indígena. (*Ibidem*, n.p)

Dito isto, aterrissamos num campo frutífero, do qual é mister trazer ao palco algumas reflexões sobre esta literatura, perpassando pelo próprio conceito, surgimento, o movimento dentro das comunidades e as imagens temáticas que são impressas na produção desse tecido literário, por vezes escrito por vezes oralizado.

A ideia peculiar de anunciar a produção dos povos originários, oralizada ou textualizada da Literatura Indígena surge do próprio movimento dos povos, a considerar que os contadores de histórias sempre foram sujeitos com um papel importante dentro das comunidades indígenas, a eles era conferido a tarefa de transmissão às novas gerações do legado cultural dos seus ancestrais. Foi esse o mecanismo encontrado e preservado pelos povos indígenas para a manutenção da tradição, cultura e saberes.

O indígena em sua natureza utiliza a oralidade para a transmissão de seus saberes, em adição, na contemporaneidade, fazendo valer-se do movimento intercultural, os assentamentos da cultura indígena, também, invadem o espaço da escrita. Como afirma Hakiy:

ai está o papel da literatura indígena, produzida por escritores indígenas, que nasceram dentro da tradição oral, que podem não viver mais em aldeias, mas que carregam em seu cerne criador um vasto sentido de pertencimento. Esta literatura tem contornos de oralidade, com ritos de grafismos e sons de floresta, que tem em suas entrelinhas um sentido de ancestralidade, **que encontrou nas palavras escritas, transpostas em livros**, não só um meio para sua perpetuação, mas também para servir de mecanismo para que os não indígenas conheçam um pouco mais da riqueza cultural dos povos originários. (2018, p. 38, grifo nosso)

Em concordância, é relevante destacar que a cultura da escrita chega às comunidades dos povos originários a partir do movimento indígena e sua necessidade de figuração política,

Nesse sentido, a voz-práxis estético-literária indígena é, em primeira mão, de modo direto, pungente, carnal e vinculado, relato autobiográfico, testemunhal e mnemônico tanto da condição étnico-antropológica como diferença-alteridade quanto da situação de exclusão, de marginalização e de violência como minoria político-cultural. Ou seja, a literatura indígena constitui-se como voz-práxis ativista, militante e engajada na esfera pública, como sujeito público-político, aliando-se ao Movimento Indígena em termos de publicização e de politização da condição e da causa indígenas. (Danner et al., 2018, 290-291, grifo dos autores)

Essa voz pungente figura na escrita, a partir da década de 90, com um carácter ora coletivo ora individual, o tecido literário oriundo da influência dessa organização do M.I, confere aos povos indígenas o domínio de outros códigos, podendo assim, adentrarem num campo ainda dominado pela cultura ocidental, o da Literatura.

A literatura indígena brasileira contemporânea é um movimento literário que nasce para a sociedade envolvente na década de 1990. Esse movimento caracteriza-se no cenário nacional por sua autoria: a autoria coletiva e a autoria individual. Antes de tudo, convém enfatizar que até a década de 1990, era raríssimo encontrar obras publicadas que carregassem na capa ou na ficha catalográfica o nome de um sujeito indígena. E mais raro ainda ele ser conhecido no país como autor ou mesmo escritor [...] (Dorrico, 2019, n.p)

São nos anos 90 que a Literatura Indígena torna-se mais penetrante, com fundamento na Educação Escolar Indígena assegurada pela Constituição Federal de 1988, as comunidades iniciam o processo de escolarização dentro das aldeias e com essa mudança, surge a necessidade de contextualização e a criação de novos sentidos dessa escola.

Os povos indígenas, em seus constantes movimentos de interlocução com as sociedades não indígenas, têm mostrado que não querem um processo escolar intercultural só para si e para as suas escolas, mas também, advogam que a conquista de direitos passa por modificações na

educação escolar da sociedade, aspirando que suas histórias e suas culturas sejam ensinadas ou ressignificadas no seio dessas instituições. (Bergamaschi, 2012, p.45)

No processo de conceber novos sentidos à escola, emolduram-se as produções de material didático, e podemos dizer que nesse constructo nascem as produções de autoria coletiva, desse modo, essa transformação fortalece-se na necessidade de recontar a história dos povos pelo viés dos próprios sujeitos, na urgência de apresentar uma imagem de povo real, conservando seu cosmo mnemônico, sua ancestralidade e tradição.

Somente ter a escola nas comunidades não era, e é suficiente para os povos originários, é mister reconfigurá-la, assim, todo o esforço empreendido pelos agentes da educação indígena estava paralelo à formação de professores indígenas para as comunidades e ao mesmo tempo escritores que no processo de produção dos materiais didáticos, postulariam suas histórias, as imagens do povo e seus sentimentos.

Esse curso empreendeu a produção literária de autoria indígena para uso nas escolas das comunidades, vejamos

A arte de escrever tem contribuído para que nas aldeias os povos catalogassem narrativas contadas pelos mais velhos e que, depois de serem transformadas em livro, as crianças na sala de aula conseguissem se imaginar nesse universo pela escuta e leitura dessas narrativas. Ela nos dá possibilidades para que, fora da aldeia, alunos e pessoas possam se aprofundar em determinado assunto ou mesmo saber como cada povo vive, resiste e defende seu território. (Kambebe, 2018, p.40)

A escrita alavancada pelos professores e professoras indígenas tem marcadamente uma inscrição histórica que produz rostos verdadeiros e plurais dos variados povos e seus territórios, adversamente, a ideia singular apresentada pela historiografia oficial do Brasil. É nesse campo que se desenha imagens recheadas de simbologias, de tradição e novos saberes e comportamentos, de impressões acumuladas de experiências coletivas e individuais, da ancestralidade e da descendência e de uma cultura andante, em constante movimento intercultural.

Posto isso, é perceptível que a literatura produzida pelos povos indígenas percorre variados âmbitos, a escola sistematiza essa escrita baseada sobretudo pelos anseios do próprio povo, os textos de âmbito legais, pressupõem os desejos de supressão das violências sociais, do direito humano e do próprio cumprimento da constituição. Não distante, os textos com maior carga sentimental, não se despem do compromisso com as lutas do povo.

A Literatura Indígena amplia o espaço de atuação das lideranças, no sentido de alcançar a partir da denuncia os problemas sociais que as comunidades sofrem, as cenas de violência podem ser anunciadas na produção, e das aldeias, ganharem outros espaços de circulação, transformando-se assim, em um armamento de preservação da vida e da natureza. Jekupé afirma que,

[...] também poderemos ser grandes líderes através da escrita, produzindo literatura indígena para todos, para crianças, jovens e adultos. Através dela podemos mostrar ao mundo nossos problemas que acontecem no Brasil diariamente: terras sendo roubadas, rios sendo destruídos, índios assassinados, índias estupradas, e tantas outras coisas mais. E poucos sabem disso. Por isso eu via a escrita pelos próprios indígenas como uma grande arma para a defesa de nosso povo. (2018, p.47)

Dessarte, essa literatura se assume como um tipo de literatura que caminha pelo mais interno das comunidades, ela possui uma linguagem própria, desafiando uma lógica ortodoxa e ocidental da literatura, talvez, cause uma certa “estranheza” ao modo derridiano, mas, em sua essência não se restringe a formas e palavras, ela traz uma representação cosmológica do das vivências dos povos originários.

Na compreensão de que os povos indígenas são muitos e variados, são expressivos os olhares aos povos indígenas no semiárido baiano, nesse estudo aqui, representados pelos povos, Kaimbé, Kiriri, Pankararé e Tumbalalá que a partir da escrita impulsionada pelas professoras indígenas criam textos literários circulantes nas próprias comunidades e em outras.

> **Literatura Indígena no semiárido baiano : vozes literárias presentes**

O papel da literatura indígena é, portanto, ser portadora da boa notícia do (re)encontro. Ela não destrói a memória na medida em que a reforça e

acrescenta ao repertório tradicional outros acontecimentos e fatos que atualizam o pensar ancestral.(MUNDURUKU, 2018, p.83)

Esse compromisso assumido pela Literatura Indígena nasce primariamente nas escolas das comunidades, no processo de produção de materiais para o ensino das crianças, é nesse circuito que há uma, como diz Munduruku, “atualização do pensar ancestral”, é um ponto muitas vezes dissidente, em que a comunidade precisa reapresentar saberes na perspectiva dos próprios povos, em contexto e significação.

Com a parceria das Licenciaturas Interculturais, os professores indígenas tomam a produção literária como um dispositivo de enfrentamento às imposições que a educação oficial os situa, esses contornos da escrita criam uma verdadeira redoma de saberes ressignificados, no sentido de apresentá-los a comunidade sob a roupa dos conhecimentos que transitam no meio escolar, confrontando-se, dialogando e reconfigurando-se no contexto da Educação Escolar Indígena. Assim, brotam os escritores indígenas no seio das comunidades e com fins inicialmente escolares, em sua maioria mulheres, professoras das aldeias que assumem o desafio de combater os imperativos ocidentais, vejamos

A temática dos conhecimentos indígenas é igualmente abordada em relação às tensões e conflitos gerados na hora de incorporá-los às instituições escolares, as quais se orientam pela lógica binária do pensamento ocidental (de base cartesiana). Nesse sentido, considerar o modo como a escola do século XX e XXI continua tipificando os conhecimentos sob os esquemas binários – abstrato vs. Concreto, local vs. Universal – perpetua a histórica exclusão do outro em nome do conhecimento científico universal. (Paladino; Czarny, 2012, p.20-21)

O enfrentamento a esta tipificação dos povos nativos é o principal desafio dos escritores que brotam do chão das aldeias no cerne das escolas indígenas, em vista disso, apresentamos por meio dos próprios textos autobiográficos, as agentes de escrita que contribuem para imagens ressignificadas dos povos indígenas do semiárido baiano,

Sobre essas produções do chão da aldeia, Kambeba nos traz a reflexão,

Não se faz narradores ou contadores de histórias na aldeia, eles já nascem sabendo narrar, porque aprenderam com a vivência dos mais velhos e com a experiência do conhecimento da mata. Há uma grande vontade de registrar memórias, mas onde se encontra a maior parte

dessas literaturas? Estão nas aldeias, em cadernos de anotações guardados em armários. Muitos indígenas escrevem, mas poucos são os que conseguem fazer essa literatura circular, chegar nas grandes editoras e livrarias. A maioria desses escritos fica apenas no papel e os escritores na invisibilidade de sua obra. (2018, p.42)

A produção literária de escritores e escritoras indígenas é impulsionada pelas demandas de uma escola diferenciada e que está em processo de ressignificação, a tomada de posicionamento dos professores e professoras indígenas para a construção de uma Educação Escolar Indígena que de fato contribua para as comunidades, perfaz-se, sobretudo, no modo como os próprios povos originários se veem e dizem de si, esse percurso traduz-se pelo discurso oral ou escrito e as marcas de identidade que são impressas nele.

› **O Discurso identitário na escrita indígena : a literatura como dispositivo de combate ao silenciamento cultural**

A grade diferença entre a escrita “ocidental” e a escrita dos índios é que, para estes, o corpo da escrita, o corpo nosso, e o corpo da terra, se integram, multiplicadamente [...] (Almeida, 2009, p.24)

Quando os povos originários assumem o código escrito como instrumento de afirmação das suas identidades, eles assumem, também, o espaço da ressimbilização que essa postura exige diante das comunidades não indígenas e limitadas ao olhar outro por um prisma cristalizado no tempo e rodeado pelos limites geográficos da nação.

A escrita é fortemente ressignificada no processo de textualização das memórias, Santos (2011, p.27) no livro “ Letramento e senso comum: popularização sociocultural sobre a escrita” publicado pelo mercado das letras, reflete sobre esse processo ao dizer que,

A retextualização é, no sentido estrito, a transformação ou inserção de um texto, ou parte desse texto, em outro, podendo ocorrer nas seguintes possibilidades dos pontos da escrita para fala, nos casos em que uma entrevista escrita é transformado em uma entrevista oral; da fala para fala, nos casos em que uma conferência é simultaneamente traduzida; da fala para a escrita, nas situações em que um texto falado é transformado em texto escrito e, ainda, da escrita para escrita nos casos em que os textos escritos são transformados em resumos, resenhas etc.

No sentido dos textos autóctones, as falas memorialísticas são transmutadas em registros escritos e passam a compor um acervo, que os próprios escritores denominam de literatura indígena, é a escrita, de acordo com a reflexão supracitada de Almeida, desenvolvida pela convergência das experiências coletivas dos sujeitos em diálogo com o universo da natureza.

Nesse percurso “a escrita é uma técnica”

[...] É preciso dominar essa técnica com perfeição para poder utilizá-la a favor da gente indígena. Técnica não é negação do que se é. Ao contrário, é afirmação de competência. É demonstração de capacidade de transformar a memória em identidade, pois ela reafirma o ser na medida em que precisa adentrar no universo mítico para dar-se a conhecer ao outro. (MUNDURUKU, 2018, p.83)

Muitos discursos outros povoaram a fantasia ocidentalizada acerca das imagens dos povos originários, Muduruku postula sobre a escrita como uma ferramenta discursiva que invade a seara do outro e se reconfigura como um dispositivo de transformação da memória em identidade. Nessa tratativa com um outro código linguístico, o sujeito indígena se perfaz potente para emitir um coletivo discursivo que ultrapassa os limites das comunidades e penetra-se nas arenas das comunidades não indígenas.

Dentro desse processo de transposição de códigos, a autoria nasce no âmbito discursivo, num movimento enunciativo que faculta diversos espaços e múltiplas representações. O Discurso em sua construção considera o ambiente histórico no qual se constitui, é a referência discursiva, o efeito desse ato se dá pela intenção de promover imagens, vozes e desenhos de uma identidade, nesse caso, a dos povos originários.

Moreira (2004, p.27) reflete sobre a condição dessa autoria, ao dizer que,

[...] a função-autor começa por incluir uma voz que conduz uma narração, ao mesmo tempo em que se constitui uma certa alteridade na conjunção entre um enunciador de poder e um enunciador de saber (conhecimento), para fazer considerações e juízos sobre os muros³. Os efeitos de autoria vão se revelando pelos efeitos de sentido que se materializam, na medida em

³ MOREIRA et al se refere ao termo muro como referência os muros invisíveis da miséria e os muros das diferenças sociais que mantêm a separação das classes vitimadas pelo processo de exclusão social.

que a função-autor legítima suas tomadas de posição. Tal legitimação revela sua inscrição num lugar histórico-social de onde passa a enunciar.

Em consonância Hall carrega uma concepção muito similar ao entendimento da identidade do povos indígenas, [...] Assim em vez de falar de identidade como coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento [...] dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos pelos outros. (2006, p.39)

Assim, tanto Moreira quanto Hall, compreendem esse universo da construção das identidades como algo movente, e reforçam a ideia de que esse curso da escrita indígena diz muito sobre a continuidade da cultura e a projeção de olhares outros sobre si.

Gersem dos Santos Luciano no Livro “ O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje” , compreende que,

entrar e fazer parte da modernidade não significa abdicar de sua origem nem de suas tradições e modos de vida próprios, mas de uma interação consciente com outras culturas que leve à valorização de si mesmo. Para os jovens indígenas, não é possível viver a modernidade sem uma referência identitária, já que permaneceria o vazio interior diante da vida frenética aparentemente homogeneizadora e globalizadora, mas na qual subjazem profundas contradições, como a das identidades individuais e coletivas. (2006, p.40)

Não há no movimento coroado pelos escritores da terra, nenhuma intenção menor em relação a manutenção da tradição e da ancestralidade dos povos, em contrapartida, é relevante compreender que “[...] a interculturalidade, como interação entre as culturas, se faz mediante uma imagem representada das diferenças que caracterizam o outro, podendo essa representação ser fruto de um esforço para aprender e compreender o social que constitui, representando-o de forma respeitosa e equitativa.[...]” (Bergamaschi, 2012, p.47)

A pesquisadora ressalta a ideia de equivalência entre o código escrito usado pelas comunidades não tradicionais e agora na escrita indígena, a dinâmica intercultural não se esfacela na parede da ótica ocidental, pelo contrário, torna-se vetor de invasão e inversão da lógica dominante, a subtraindo e colocando-a a favor da representação das identidades dos povos da terra.

Com a ideia de subversão, acreditamos que essa movência se aproxima do ideário de combate a toda manifestação opressora que se apresenta aos sujeitos indígenas, é parte do enfrentamento, como diz Bergamaschi (2012), “equitativo”, das forças políticas sociais.

A luta referenciada na reflexão acima, carrega uma ideia dualística, encerra-se não na diversidade, mas, na tentativa de aniquilar o outro, é a não condição de coexistência entre os “antigos e os modernos”, há a sobreposição de um coletivo que se entende por superior e assim, oprime e tenta ceifar o outro. No contexto de guerra, Krenak (2018) afirma que a guerra é um estado permanente na relação dos povos originários do Brasil, o escritor diz que nunca existiu trégua alguma, que todos os dias, os indígenas despertam para uma guerra, permanente e multidirecional. E mais, ainda postula,

Nós estamos em guerra. Eu não sei por que você está me olhando com essa cara tão simpática. Nós estamos em guerra. O seu mundo e o meu mundo estão em guerra, os nossos mundos estão em guerra. A falsificação ideológica que sugere que nós temos paz para continuarmos mantendo a coisa funcionando. Não tem paz em lugar nenhum. É guerra em todos os lugares, o tempo todo. A ideia de paz é totalmente subjetiva [...] Não tenha dúvida: se alguém acha que está em paz, ou está se enganando, ou está enganando os outros” (Krenak, 2018, apud Milanez; Santos, 2021, p.263)

Sob o prisma de Krenak, pensamos que a esse pleno estado bélico não faltam armas de combate, e nos quesitos identidade, manutenção da tradição, experiência presente e contínua da ancestralidade, territórios, comunidades entre outros, perfazem-se os novos caminhos construídos a partir da experiência da escrita no contexto da Educação Escolar Indígena, em destaque, aqui, as produções literárias que traduzem novos circuitos culturais nas aldeias.

Podemos dizer assim que a Literatura produzida pelas comunidades indígenas, traduz-se em uma consciência de identidade que está vinculada às experiências dos coletivos dentro das comunidades, é um estado de movência que engloba as necessidades educacionais, legais, do meio ambiente, da tradição e da cultura, do presente e da ancestralidade, é a manifestação de uma cosmovisão de mundo que resolve sair do particular e ganhar o global. É uma arma contra as seculares barreiras impostas aos povos indígenas, é o dizer sobre si e em si, é o desenho mesmo de uma cosmologia indígena, que se coloca pronta para dar as respostas e para empreender perguntas sobre o curso dos povos originários.

> **Considerações**

As produções indígenas que compõem o corpo da Literatura Indígena são muitas e variadas, dessarte, nenhuma postulação supramencionada encerra-se por si só, por ser ainda muito jovem e metamorfa, a escrita dos povos originários, na língua materna ou Língua Portuguesa está em absoluto estado de transformação e construção, sobretudo ao que confere formas e códigos. Almeida (2009) diz que esta prática tem o propósito de dar ao mundo outros modos de ler os povos originários, ela é uma “dádiva que cria legentes”, com imagens e imagens de vozes, que saem da ideia letárgica e passa a operar uma “estética do fulgor”.

A Literatura Indígena é a confluência de variados modos de dizer sobre si dos autóctones, ela abriga as linguagens que se estabelecem na vida comunitária, nas lutas pelo território, no processo de fortalecimento das identidades. A palavra vem da terra, e sobre ela esparrama os sentimentos, história e combates territoriais e de ideologias.

O discurso emanado dos registros ora coletivos ora individuais reflete as marcas de identidades dos autores e reúne as memórias dos seus povos, faz-se, assim, um desenho da ancestralidade e promove-se um outro modo de tonificar a tradição. No semiárido, a partir das escritas impulsionadas por professoras indígenas, em sua maioria, a memória cria fôlego para adentrar no espectro intercultural e se firmar nos temas dos materiais que são produzidos para a Educação Escolar Indígena, pensamos, que está aí, um nascedouro de escritores da terra.

Assim, a tessitura deste artigo teve como objetivo apresentar as discussões sobre identidade, a partir da autoria do indígena do seminário baiano, e como essas anunciações repercutem no combate ao silenciamento cultural imposto, secularmente, aos povos da terra. Essa escrita literária potencializa a produção de novas epistemes, o discurso identitário presente nas produções, convoca sujeitos outros a compreenderem a cultura indígena em pleno movimento, tendo a escrita como arma de combate ao silenciamento cultural.

Bibliografía

- Almeida Maria Inês (2009) *Desocidentada: Experiência literária em terra indígena*. Editora UFMG.
- Reunión de Antropología del MERCOSUR (9th : 2011 : Curitiba, Brazil) (Ed.). (2012). *Povos indígenas e escolarização: Discussões para se repensar novas epistemes nas sociedades latinoamericanas*. Garamond.
- Aparecida, B. M., & Freitas, Ana Elisa de Castro. (Eds.). (2008). *Povos indígenas & educação*. Editora Mediação.
- Dorrico, Julie; Danner, Leno Francisco; Correia, Heloisa Helena Siqueira; Danner, Fernando (Orgs.). (2018). *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção*.
- Ginzburg, Carlo (1998) *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e história*. COMPANHIA DAS LETRAS.
- Kleiman, A. B. (2022). *Os Significados Do Letramento: Uma Nova Perspectiva Sobre a Prática Social Da Escrita*. The WAC Clearinghouse.
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. DP&A.
- Luciano, G. d. S. (2006). *O índio brasileiro: O que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. Ministério de Educação, SECAD.
- Dos Santos, C.B. (2011) *Letramento e senso comum ; a popularização da linguística na formação do professor*. Mercado de Letras